

A invenção do passado

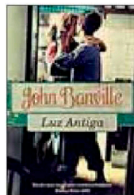
John Banville sobre a felicidade – e a factura que por ela é preciso pagar.
Helena Vasconcelos

Luz Antiga

John Banville

(Trad. José Vieira de Lima)

Porto Editora



A primeira imagem em *Luz Antiga* – uma jovem mulher numa bicicleta a deslizar no ar límpido de um Abril de antanho, a saia levantada a revelar uma nudez concupiscente, perante o olhar ávido de um rapaz – é, de acordo com o narrador, Alexander Cleave, uma recordação pouco fiável, quase de certeza inventada, e uma espécie de álibi sensorial precoce. Mais tarde, Alex verá nitidamente a arrecadação pegada à cozinha de Celia Gray, onde numa cama de campismo e ao lado de uma máquina de lavar, experimentará, entre a sofreguidão e o medo, a sua suada, precipitada e deslumbrada primeira explosão de amor carnal com uma mulher 20 anos mais velha, a mãe de Billy, o seu melhor amigo de escola. A memória é, em si própria, uma eterna e moviçosa ficção e John Banville coloca o seu personagem, muito tempo depois, às voltas com as suas recordações perturbadoras, às quais regressa repetidamente, enquanto tenta lidar, melancólica e dolorosamente, com o tenebroso presente.

Alex, um actor reformado, recebe um inopinado convite para participar num filme como actor principal, encarnando a personagem de um tal Axel Vander, figura nebulosa e de carácter duvidoso. Para se preparar para o papel vê-se obrigado a ler a biografia do dito Axel, intitulada *A Invenção do Passado*, da autoria de um tal J.B. (John Banville?), uma prosa que ele considera maçadora, pomposa e absurdamente pretensiosa. (Uma nota irónica do autor em relação aos seus críticos)

Não será inoportuno referir que *Luz Antiga* faz parte de uma trilogia que inclui *Eclipse* (2000) e *Shroud* (2002). *Eclipse* foi considerado um

poema em prosa, um espaço em que o mesmo Alexandre Cleave, votado à solidão, enfrenta os fantasmas “do passado e do futuro”; em *Shroud*, Axel (anagrama de Alex) Vander, famoso homem de letras – ao que parece inspirado na figura do crítico literário e filósofo desconstrucionista belga Paul de Man, que alcançou enorme notoriedade antes de se ter descoberto a sua anterior e muito activa colaboração com os nazis –, encontra-se em Itália com Cass Cleave, com quem tem uma relação tempestuosa, levando-a supostamente ao suicídio – grávida, atira-se ao mar de uma torre perto do lugar onde morreu Shelley. Vander que, por sua vez, é um impostor e um ladrão de identidades, poderá ter assassinado Cass, um mistério que faz eco do escândalo que rodeou a morte de Hélène Legotien, às mãos de Louis Althusser.

Banville é um feroz apreciador da figura do “duplo”, da *doppelgänger* da imaginação popular, e um perito no jogo de sombras e de ilusão, nas imagens e nas palavras, levando por vezes longe de mais o malabarismo que utiliza para conseguir o efeito *matrioska*, isto é, a recordação dentro da recordação, num infundável e perenemente distorcido fio de Ariadne que se enreda cada vez mais, toldando a visão e impossibilitando uma saída.

E se é verdade que é um prazer ler uma prosa densamente evocativa e poeticamente arrebatadora (a marca deste escritor), a repetição de imagens e de temas provoca uma certa perplexidade. Existe um óbvio desequilíbrio, certamente propositado, entre o relato da relação idílica de Alex com a senhora Gray – a excitação, a beleza, a plenitude, a casa em ruínas onde fazem amor num velho colchão malcheiros, no meio de um bosque de avelãs, com um rio e um pequeno prado, ou no automóvel onde os odores impregnaram os velhos assentos de couro, são o reflexo de um Éden perdido no passado – e a descrição onírica do mal-estar no presente, com a dolorosa memória de Cass, a difícil e distraída relação com a

mulher, Lydiá, e a desastrosa viagem de volta a Itália no rasto da filha. Entre o céu e o inferno, este Alex de *Luz Antiga* – um termo usado na lei que dá a um proprietário de pelo menos 20 anos o direito de manter a luz da sua casa, isto é, sem construções posteriores que lhe afectem essa prerrogativa – é como que uma recriação de Max Morden, o confuso e deprimido narrador de meia idade dessa obra-prima que é *O Mar*, com os temas recorrentes de Banville: o suicídio, as dores de repetidas perdas, o luto irreparável, as memórias da paixão erótica juvenil, a impiedosa passagem do tempo e a glorificação, estranhamente irónica nas claramente arrebatada, do “eterno feminino goetheano”, esse espaço misterioso e secreto onde os homens – e os rapazes – se perdem sem nunca chegarem a entender a sua verdadeira dimensão.

Banville, que se diz discípulo de Henry James, está, na realidade, bem mais próximo de Nabokov, tendo em vista o seu apurado e cáustico sentido de observação e a propensão para os detalhes e para a distorção causada pelos infinitos cambiantes do espectro cromático. (Uma herança da sua primeira actividade como pintor). Defensor confesso do ritmo, da entoação e da subtilidade da linguagem em detrimento da preocupação com a trama ou com a caracterização de personagens, o seu estilo é decididamente “barroco” na forma como constrói os seus livros com peças de arquitectura, recheadas de pormenores surpreendentes e rebuscados.

Neste romance, o autor parece ainda querer provar, mais uma vez, que nunca se sai impune dos momentos de felicidade absoluta sem a posterior “factura” que pode ser bem dura. Em entrevistas, Banville tem referido a forte influência da sua educação católica que “bem cedo instila na cabeça das crianças o complexo de culpa”. Para Alex Vander, terminada e arrumada a sua inocência, e na incapacidade assustadora de parar o tempo, o mundo transforma-se num lugar bem mais hostil, onde filhas amadas desaparecem para todo o sempre e onde não há espaço para o amor, apenas para a cumplicidade. Nem mesmo a tentativa falhada de “substituir” Cass por Dawn Davenport, a frágil, friorenta, desamparada (e também suicida) actriz com quem contracenava, lhe pode trazer consolo. Só lhe resta visitar as memórias e quedar-se naquele lugar onde volta sempre, enrodilhado no chão como um cão fiel, junto à cama da mãe, os dedos desta tocando-lhe os cabelos, num eterno gesto de protecção.



John Banville continua a lidar com o complexo de culpa católico